

Crise e Renovação na missão da IEAB (Retornando de Curitiba)

Retornando de Curitiba após o privilégio de participar como facilitador em um debate sobre Missão na DAC, iniciei a autocrítica de meu desempenho e senti-me frustrado. Poderia ter dito tantas outras coisas e compartilhado outras experiências, mas não o fiz. Contaminado pelos vícios do mundo acadêmico, fiquei preso ao papel e um tanto distante da vida e das questões práticas de nossa missão. Tento agora corrigir minhas falhas, escrevendo o que gostaria de ter dito mais claramente sobre missão na IEAB

Aviso, de antemão: este não é um texto teológico ou acadêmico; não tem pretensões de coerência metodológica. Não quero escrever como “teólogo”, mas como aprendiz de missionário e como alguém que quer sim, ver nossa Igreja crescer. Também não tenho em mente uma ou outra Paróquia ou pessoa; trata-se de um texto genérico, extraído de informações e observações em várias Paróquias e Dioceses de diferentes regiões do Brasil.

Falar sobre as “marcas da missão” na Comunhão Anglicana é bonito. Serve como estímulo e desafio. Mas estamos longe de realizá-las integralmente porque nossas comunidades enfrentam alguns problemas bastante visíveis:

1. A crise numérica. Mesmo nossas Paróquias “maiores” ainda são numericamente pequenas. É certo que nossa eclesiologia compreende que toda pessoa batizada é membro do Corpo de Cristo. Esse é um dado teológico inegável. Mas, do ponto de vista prático, a pergunta é: “*onde estão os nossos membros?*” Se formos bem sinceros, teremos que admitir que o rol de membros em plena comunhão (confirmados, comungantes e que participam dos cultos e outras atividades paroquiais) é bem reduzido. Muitas Paróquias até contam com uma razoável flutuação de visitantes que congregam conosco durante um ou dois anos, mas que não se inserem na vida comunitária. Outros simplesmente desaparecem sem dar notícias e nem sempre são procurados pelos clérigos que deveriam ficar atentos às ovelhas perdidas. É certo que nem todos desejarão voltar, até mesmo porque perceberam que ser episcopal-anglicano não é para qualquer um; exige abertura à transformação, perseverança nas dificuldades e compromisso. Não negociamos bênção como muitos pretendem, nem oferecemos milagres.

Talvez por isso, em muitas paróquias os freqüentadores dominicais sejam sempre os mesmos, a cada ano mais envelhecidos e desanimados. O desânimo contamina e o círculo vicioso se estabelece (clérigo desanimado = comunidade desanimada, e vice versa). Se não nos motivarmos a buscar nossas próprias ovelhas, visitá-las e desafιά-las a viver os compromissos da fé cristã e até mesmo sermos ousados em cobrar os compromissos que um dia assumiram perante o altar, não estaremos muito distantes de sermos considerados também uma igreja de clientela flutuante e não de membresia comprometida;

Além da necessária busca das ovelhas desgarradas, precisamos ser mais ousados no incentivo ao crescimento numérico da comunidade com novos membros. Porém, sempre que falamos desse assunto, ouvimos vozes que, pensando ser “originais”, lembram que precisamos de crescimento qualitativo e não quantitativo. Muitas vezes esse argumento procede de pessoas que lideram comunidades em decréscimo e com estruturas endividadas por falta de gente, com poucos persistentes tentando animar uns aos outros para que não sejam os últimos episcopais ali.

O argumento de que o que importa é o crescimento qualitativo é enganoso, pois se nossas comunidades estiverem realmente crescendo qualitativamente (na espiritualidade, liturgia, compreensão da missão e dos compromissos da fé), o crescimento quantitativo será natural e inevitável. Um corpo bem nutrido não precisa de anabolizantes. Um corpo bem nutrido cresce naturalmente e proporcionalmente. Nós clérigos precisamos fazer uma “*mea culpa*” sempre que utilizarmos esse argumento, pois em muitos casos é uma desculpa para nosso desinteresse em crescer numericamente ou de nossa incapacidade de nutrir qualitativamente o rebanho para que o crescimento seja natural;

2. A crise financeira – Nossa membresia tem um compromisso muito irregular no que se refere à contribuição financeira, ao dízimo e às ofertas; muitos pensam que a Igreja é rica e estável e que não precisa de sua contribuição; conseqüentemente, as Paróquias e Dioceses vivem sempre girando em torno de problemas sempre-urgentes que inviabilizam outras iniciativas missionárias porque consomem os poucos recursos financeiros sempre empenhados para arcar com as despesas mínimas de manutenção (água, luz, telefone, combustível, estipêndio do clero, quota diocesana e eventuais reformas). Quando a situação aperta, apelamos para eventos promocionais (almoços e bingos que deveriam ser para confraternização e não primeiramente para arrecadação). Apesar disso, surpreendentemente e tão somente pela graça de Deus, muitas ações concretas acontecem em nossas comunidades, provando o imenso potencial que temos. Contudo, ainda não conseguimos desafiar motivar nossa membresia a contribuir financeiramente de modo mais consistente.

Por que nossos membros não contribuem satisfatoriamente? Será por dificuldades financeiras, endividamento ou por falta de educação cristã? Muitos clérigos têm medo de falar em assuntos financeiros na Igreja e de desafiar a uma contribuição maior. Alegam que não querem ser confundidos com as igrejas que vendem bênçãos. Esse argumento também é fraco, pois os membros que verdadeiramente conhecem a IEAB sabem muito bem que não somos assim.

Outro possível motivo da baixa contribuição financeira de nossos membros talvez resida na crise institucional de nossa época. Não é apenas uma crise de nossa Igreja, mas uma desconfiança generalizada em qualquer instituição (partidos políticos, Estado, escola, etc), e que repercute também na desconfiança em relação à credibilidade das igrejas. Muitos membros, embora contribuam financeiramente, não recebem relatórios atualizados por parte das tesourarias paroquiais informando a destinação dos recursos e, no máximo, ouvem um relatório anual. Porém, os movimentos sociais latejantes na sociedade brasileira já não se contentam com relatórios vagos; exigem transparência nos gastos públicos e, mais uma vez isso repercute também nas Igrejas. É preciso criar uma prática de maior transparência nas contas das Paróquias porque isso traz credibilidade, confiança e envolvimento. Se não encararmos seriamente esse problema (a começar pelos clérigos que devem dar o exemplo de contribuição financeira), jamais sairemos desse círculo vicioso.

3. A crise da Proclamação – “*Como ouvirão se não houver quem pregue?*” (Romanos 10.14). A primeira das cinco (ou agora seis) marcas da Missão nas Igrejas da Comunhão Anglicana é: “proclamar as boas novas do Reino de Deus”. É daí que nascem todas as demais. Somente pessoas que ouvem as boas novas do Reino de Deus e a mensagem libertadora e transformadora anunciada pelos profetas e por Jesus Cristo, são capazes de se encantar por esses ideais. Jamais teremos pessoas dispostas a se engajar nas demais marcas da missão, sem a primazia dessa proclamação. Sem renovação homilética na Igreja, não teremos sequer como cumprir a segunda marca: “ensinar, batizar e nutrir novos crentes”, pois

não haverá novos crentes a quem batizar, ensinar ou nutrir; sem um púlpito forte não haverá sequer pessoas dispostas a conhecer as demais marcas da missão: “responder às necessidades humanas através de um serviço diaconal amoroso”, tampouco pessoas desafiadas a “transformar as estruturas injustas da sociedade” ou “zelar pela integridade da criação com vistas à construção de uma cultura de paz, reconciliação e resolução de conflitos”.

A primazia da proclamação tem sido muito negligenciada em nossas comunidades. Vivemos enorme crise na proclamação da Palavra. Muitos sermões apenas recontam de modo raso e superficial as mesmas palavras já ouvidas nas leituras bíblicas, divagam em informações, avisos ou bajulações e não se aprofundam nas implicações espirituais e práticas da Palavra. Muitos são os sermões que “apregoam paz quando não há paz” (Jeremias 23) e poucos são os sermões exortativos que caem como rochas que despedaçam os ídolos de pés-de-barro. A mesma Palavra que Deus nos legou através dos profetas, nos lembra: “que tem a palha a ver com o trigo? – Diz o Senhor – não é a minha palavra fogo e martelo que esmiúça a penha?” (Jr 23.30).

Obviamente não se trata aqui de reviver o tempo dos sermões longos e cansativos, afinal, o mais belo sermão de Cristo no monte, pode ser lido pausadamente em cerca menos de seis minutos. A questão é outra – falta-nos acreditar novamente no poder próprio da espada da Palavra, que é semente capaz de penetrar em um coração, alojar-se ali durante dias, meses ou anos aguardando o tempo certo para frutificar. Muitos de nossos sermões padecem do medo de serem incômodos ou inconvenientes; muitos sermões querem ser apenas “bem-educados” e muitos de nós pregadores, esquecemo-nos de que há muitas pessoas com fome e sede da Palavra de Deus.

A crise da proclamação nasce do púlpito e contamina o povo que também não se sente desafiado a compartilhar a palavra através de testemunhos no seu dia-a-dia. Quão bom seria se, a cada domingo, após o culto, o povo presente voltasse às suas casas e à vida do trabalho diário, dispostos e motivados a “testemunhar”, mesmo que em poucas palavras, algumas frases ou o conteúdo transmitido no sermão de domingo. O bom sermão, realmente desafiador e que alcança seu objetivo é aquele que se reproduz nos lábios dos ouvintes durante a semana, tornando-as também testemunhas do amor de Deus. Sem um púlpito forte, com sermões bem preparados, diretos, objetivos e desafiadores, a cada ano teremos menos pessoas comprometidas a viver as marcas da missão.

4. A crise da motivação – Todas as dificuldades acima elencadas nos remetem, finalmente, a uma crise de motivação. Muitos de nós, clérigos/as, já nos acomodamos às situações acima descritas; as migalhas parecem-nos mais atrativas que o banquete. É desanimador ouvir colegas dizerem que não precisamos nos preocupar com o crescimento da Igreja e outros que diante de oportunidades só vislumbram problemas e dificuldades antes mesmo de qualquer iniciativa. Alguns dizem: “o povo já tem suas igrejas... não há mais público-alvo para nós”; outros lamentam que qualquer iniciativa missionária será cara, dispendiosa e que, ao final, “só vamos ter trabalho, mas não teremos resultados...”. É certo que muitos já têm suas igrejas, mas também é preciso reconhecer também que há uma fatia da população sem assistência espiritual, desvinculada de qualquer instituição cristã, machucada e traumatizada por experiências mal-sucedidas em outras igrejas. Porém, são pessoas para quem nosso ethos inclusivo, maleável, avesso a moralismos e aberto às artes e à cultura, desperta grande interesse.

Sim, nossa Igreja nunca será de massas e nem é isso o que desejamos. Priorizamos a construção de comunidades fraternas. Também reconheço que “muitos são chamados, mas poucos escolhidos”; sei muito bem que a matriz religiosa do povo brasileiro prioriza uma espiritualidade pouco encarnada; reconheço que vários temas que debatemos em nossas comunidades pressupõem a participação de pessoas com um nível maior de informações culturais, etc..., mas nada disso pode ser invocado como desculpa para nosso comodismo.

O bispo Naudal tem insistido muito na palavra “Paixão”, sendo às vezes criticado e mal-compreendido por aqueles que, acostumados à filosofia de botequim, lembram que “paixão é algo passageiro” e acabam jogando um balde de água fria na motivação desejada. Esse é um velho jargão medieval que desconsidera o caráter apaixonado e apaixonante de Deus, já suficientemente resgatado por teólogos como Jurgen Moltmann. O Deus em quem cremos não é um Deus impassível e desapaixonado. Ao contrário, é um Deus que “ouve o clamor e se compadece” (apaixona-se) a ponto de descer para libertar; é o Deus que seduz apaixonadamente o profeta Jeremias; é o Deus que se encarna para sofrer, na Paixão de Cristo, pelas dores deste mundo, tal como é cantado por Maria Rita: “A paixão é como Deus, que quando quer me toma todo o pensamento, dirige os meus movimentos... meu passo é dela, meu pulso é desse todo poderoso sentimento” (música “Sentimento de Paixão” – Maria Rita)

Conclusão

A experiência no trabalho missionário tem me ajudado a repensar e avaliar muitos de nossos discursos. Voltarei a comentar no próximo texto algumas aventuras e (des)venturas da missão.

Em todo caso, aventurar-se, sem muitos recursos, na obra da proclamação em uma cidade isolada e distante geograficamente de outras Paróquias, na qual o “campo religioso” já está bem mapeado e definido de modo a parecer que não há espaço para a IEAB, é uma bela experiência. Creio que todo clérigo, a fim de se motivar e “reinventar” seu ministério deveria, de tempos em tempos embrenhar-se em iniciativas semelhantes. Desse modo, certamente, as palavras do velho hino 295 se revestiriam de um significado existencial tremendamente poderoso: *“no labor, sem cessar, a servir a Jesus, com amor e fé, e com oração, até que volte o bom Senhor!”*

Revdo. Carlos Eduardo Calvani